

## TEXTO DE APOIO DO MODULO I – QUE É SOCIEDADE?

### Aula 3 – A sociedade moderna e o pensamento social

Na crônica *O jovem casal*, de abril de 1953, Rubem Braga descreve a situação de miséria na qual vive um casal numa pensão barata e suja. Enquanto aguardam o bonde, pois pegar um ônibus naquela época estava acima de suas possibilidades, um carro conversível se deteve diante deles, no sinal fechado. No carro encontra-se outro casal, um “sujeito meio calvo de ar importante” e “uma mulherzinha muito pintada”. Após examinar detidamente a moça na rua, volta-se para o seu par que lhe falava alguma coisa acerca de anéis,

*...e no momento do carro partir com um arranco macio e poderoso ouviram que a mulherzinha dizia “se ele deixar aquele por quinze contos, eu fico.”*

*Quinze contos – isso entrou dolorosamente pelos ouvidos do rapaz, parece que foi bater, como um soco, em seu estômago mal alimentado – quinze contos, meses e meses de pensão! Então olhou a mulher e achou-a tão linda e triste com sua blusinha branca, tão frágil e tão querida, que sentiu os olhos arderem de vontade de chorar de humilhação por ser tão pobre; disse: “Viu aquela vaca dizendo que vai comprar um anel de quinze contos?”*

*Vinha o bonde. [1]*

Embora em circunstâncias semelhantes (substituamos bonde por ônibus e este por taxi) provavelmente nos posicionaríamos em favor do jovem casal, temos de considerar o argumento bastante plausível de que os ricos não se sentiriam responsáveis pela situação. Mais ou menos análogo ao encontro rotineiro com mendigos nas ruas das grandes cidades, quando, observando tratar-se de um adulto jovem, recusamos a lhe passar um “trocado” com a desculpa de que não o temos no bolso. O pedinte, poderia então retrucar, às nossas costas, “Deus lhe dê em dobro o que deseja para mim”.

Por que não nos sentimos pessoal e diretamente responsáveis pelas situações apontadas? Vivemos numa sociedade caracterizada por relações impessoais, de tal modo que se torna plenamente justificável alegar “não tenho nada a ver com isso” e se agirmos para remediar a situação se trata, sim, de uma atitude pessoal, de um gesto caritativo ou solidário. A sociedade é vista, cotidianamente, de modo “natural” ou não reflexivo, como uma sociedade de indivíduos que trabalham, compram e vendem, participam de eleições, torcem para um time ou professam uma religião, casam ou se divorciam, tem filhos, se aposentam e morrem. A sociedade também é vista como organizada, do ponto de vista econômico, pelo mercado, uma instituição que coordena indivíduos, famílias e empresas, sofrendo a regulação das leis, do Estado e de associações corporativas.

Esta sociedade é denominada “moderna” porque teria inaugurado a “era moderna”, superando a era “medieval”. O ponto de partida da era moderna foi da Revolução Francesa de 1789, considerada de caráter “universal” pois expandiu-se pelo continente europeu por meio das guerras napoleônicas e se consolidou por volta de meados do século XIX.

Para entender melhor esse processo histórico sugerimos a leitura de História da riqueza do homem, de Leo Huberman.<sup>1</sup>

A Revolução, conduzida principalmente pelos jacobinos, foi um processo extremamente radical: ao mesmo tempo em que consagrou a propriedade privada dos meios de produção e defendeu as prerrogativas da nova classe dominante, a burguesia, de reorganizar a sociedade de acordo com os seus interesses, colocou-se como seu porta-voz ao por abaixo todas as instituições civis, religiosas e políticas de uma longa época. Refez até o calendário e parecia querer tomar de assalto até os céus. A nova sociedade delineou-se ao longo da tempestade revolucionária (1789-1794) e da sua expansão até os confins da Rússia. **O desenvolvimento desta sociedade implicou o surgimento de novas concepções de mundo, ou seja, de ideias, crenças e valores correspondentes aos interesses nela implicados.**

As transformações em curso foram objeto de estudo de diversos pensadores. Como observa Carlos Benedito Martins (**Que é Sociologia?** Editora Brasiliense, 1986),<sup>2</sup> os pensadores dessa época não eram homens de ciência ou sociólogos que viviam dessa profissão. Aliás, nesse momento sequer existia uma ciência social. Mesmo quando ela tomou sua forma na Sociologia proposta por Emile Durkheim no final do século XIX, o pensador ainda não se separava do educador e do político, do homem de ação, interessado em preservar, reformar ou transformar a sociedade. Participavam ativamente dos debates ideológicos que dividiam a opinião pública, marcadamente entre conservadores, liberais e socialistas.

Quais eram as principais concepções em que se dividia a opinião pública a respeito da sociedade?

De acordo com o autor acima citado, nos quais nos baseamos em toda a reflexão seguinte, a concepção **conservadora**, representada por pensadores como Edmundo Burke, tomou como ponto de partida os excessos revolucionários de 1789 e responsabilizava o ideário racionalista dos pensadores do século XVIII (Rousseau, Voltaire, Condorcet) pela instabilidade característica da nova sociedade sob o domínio da burguesia. Pois o processo revolucionário não se estabilizou imediatamente, uma vez que o nascente proletariado logo começou também a lutar pelos seus próprios interesses. Preocupados com a ordem e a coesão social, voltaram sua reflexão para a sociedade feudal, fortemente marcada pela hierarquia social. Esses “profetas do passado” tornar-se-iam a inspiração dos pensadores elitistas no século XX.

A concepção **liberal**, por sua vez, expressava o otimismo revolucionário e fundava seu entendimento da sociedade como resultado da relação contratual entre indivíduos, tal como apareceram historicamente, a saber, como proprietários de terras, de capital e de força de trabalho. A sociedade resultava de um contrato social entre esses indivíduos livres, estabelecidos de modo racional por vontade própria. Era uma concepção bastante avançada

---

<sup>1</sup> HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem. Zahar Editores, 1986. Disponível em: <http://portal.faculdadedeilheus.com.br/Documentos/EDIVALDO%20DOS%20SANTOS%20LIVEIRA/PSIC%20NOT%20SOCIOLOGIA%20T15%202012.2/Leo%20Huberman%20-%20Historia%20da%20Riqueza%20Do%20Homem.pdf>

<sup>2</sup> MATINS, Carlos Benedito. O Que é Sociologia?. Editora Brasiliense, 1986, disponível em: <http://www.ecodesenvolvimento.org/noticias/biblioteca-baixe-o-que-e-cultura-e-o-que-e#ixzz2pM5Z5vkN>

em relação a toda a história precedente da humanidade, quando, por milênios, senhores e reis subordinavam pessoalmente famílias e comunidades de camponeses e de artesãos ao seu domínio e a religião servia para legitimar esse poder. O “contratualismo” elaborado por pensadores como Hobbes, Locke, Rousseau no período de 1651 a 1762, supõe o abandono da teologia como orientação do pensamento e da ação, em troca da ciência, da autoridade divina pelo senso comum baseado na experiência racional. Tal concepção estava presente nas primeiras elaborações da economia política feitas por Adam Smith (A Riqueza das Nações, de 1776) e David Ricardo (Princípios da economia política e tributação, de 1817) que dará origem à ideia de ser a sociedade “moderna” baseada na relação contratual entre os indivíduos, famílias e empresas, apresentando-se assim, à consciência como uma “sociedade de indivíduos”. Havia em todos esses pensadores, a crença de que a humanidade encaminhava-se, fundada nos pressupostos da razão assim orientada, para uma nova era de riqueza e desenvolvimento individual.

No final do século XIX, porém, diante das lutas de classes e revoluções e do surgimento dos primeiros partidos operários baseados no pensamento socialista, o pensamento liberal retoma os pressupostos conservadores, preocupado com a perda da coesão social da sociedade “moderna”. Destaca-se o nome de Durkheim como criador da Sociologia como disciplina científica reconhecida nas universidades. Ele propôs entender os fatos ou processos sociais como independentes das “pré-noções”, de modo a introduzir a neutralidade característica das ciências naturais, mas pressupunha que a divisão social do trabalho seria um fator de progresso se contasse com uma orientação moral adequada. A defesa da coesão social levou-o a menosprezar, como assinala Carlos Martins, “a criatividade dos homens no processo histórico” (p.49) e a procurar soluções para os problemas sociais, convertendo a sociologia numa “técnica de controle social e de manutenção do poder vigente” (p.50).

Uma visão diversa, embora nos limites da defesa da ordem social, foi a formulada por Max Weber e, pode-se dizer, muito mais afinada à concepção liberal, uma vez que se interessava em identificar as motivações dos indivíduos para e as consequências da ação. Enquanto Durkheim enfatizava as condições vigentes, Weber ressaltava a ação social. Sem negar a importância de relações sociais expressos em instituições como o estado e a empresa capitalista, entendia-os como resultados da ação social compartilhada. Weber, no entanto, tinha clareza da impossibilidade do sujeito que investiga desvincular-se dos valores sociais. Propôs então separar juízos de valor dos juízos de fato, adotando o pressuposto de que se os primeiros condicionavam o tema de estudo, seria possível construir tipos sociais idealizados sobre o mesmo tema que guardariam com os fatos uma relação de aproximação mas nunca de correspondência.

A concepção **socialista** partia de pressupostos bastante diferentes. Desde sua formulação inicial nas primeiras experiências revolucionárias burguesas na Inglaterra e na França, nos séculos XVII e XVIII, quando se apresenta como expressão do radicalismo do nascente proletariado, pautava-se na crítica à propriedade privada que concentrava nas mãos de poucos os meios de produção e de vida da maioria e tinha por valor central a igualdade. Compartilhava com o pensamento social da época o entendimento da inseparabilidade entre teoria e prática, ciência e política. A concepção socialista distinguia-se numa tendência reformista e outra revolucionária, representada pelos nomes de Proudhon e de Marx,

respectivamente, enquanto a revolucionária demarcava-se pela diferença entre os pressupostos utópicos e os científicos (Manifesto do Partido Comunista de 1848).<sup>3</sup>

A concepção socialista, por sua vez, opunha-se ao anarquismo, outra vertente do pensamento social do proletariado, ao apontar o limite da livre associação entre os indivíduos na superação da ordem social e destacar o papel do estado como forma transitória para o socialismo.

Marx e Engels elaboraram o que eles próprios chamarem de socialismo científico, tendo por base uma teoria materialista e dialética da sociedade ou materialismo histórico. Não fundaram disciplinas científicas como a economia, política, a antropologia ou a sociologia, para tratar das diferentes esferas da vida social. Sua visão pressupõe a sociedade como uma totalidade em contradição e, portanto, em transformação. Mais ainda, o desenvolvimento da teoria social requer a vinculação com a luta de classe daquela força mais interessada na superação da ordem social baseada no capitalismo – o proletariado. Ciência e interesse de classe estavam vinculadas entre si na mesma medida em que teoria e prática. O problema da verdade da formulação teórica somente se resolvia no plano da prática social, no terreno da luta de classes.

O foco do estudo de Marx e de Engels e dos militantes revolucionários que adotaram o mesmo caminho, a exemplo de Rosa Luxemburg, Lênin e Gramsci, foi o desenvolvimento do capitalismo a partir de suas contradições, principalmente entre a socialização das forças produtivas e sua apropriação privada pelo capital.

Enquanto as concepções conservadora e liberal consideravam, negativa ou positivamente, a sociedade capitalista uma expressão da racionalização da vida, os socialistas científicos entendiam-na como a última forma antagônica de sociedade de classes, na qual a razão científico-técnica andava a par com a exploração da força de trabalho e a destruição das forças produtivas em decorrência das crises econômicas e das guerras e, portanto, com um tipo de irracionalidade sistêmica.

**Podemos constatar, em conclusão, que uma sociedade dividida socialmente é incapaz de ter, a respeito de si própria, uma única auto-imagem. Entender o que é, como se desenvolve uma sociedade e quais são as alternativas para seu futuro significa posicionar-se numa disputa no plano das ideias que tem, no final das contas, diante dos conflitos sociais, um sentido político concreto.**

---

<sup>3</sup> Karl Marx e Friedrich Engels. Manifesto do Partido Comunista. Editorial "Avante!", Lisboa, Portugal, 1997. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/>